

# INTRODUÇÃO

# INTRODUÇÃO

ISABEL BARCA<sup>1</sup>

LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES<sup>2</sup>

O XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica representa um marco significativo na investigação e formação em Educação Histórica, em países de língua portuguesa. E, para assinalar tal importância, os seus trabalhos decorreram em dois desses países – Portugal e Brasil - que se têm destacado na produção e disseminação de propostas para o Ensino de História assentes em bases de pesquisa científica e de reflexão epistemológica. Esta linha de investigação em cognição histórica distancia-se de pressupostos tecnicistas teoricamente já ultrapassados (transmissão de conteúdos históricos ‘acabados’ com recurso a formalismos atrativos). Busca-se compreender como os alunos constroem o seu pensamento histórico, que não é feito apenas de conhecimento substantivo mas engloba também, necessariamente, uma certa estrutura conceptual no entendimento do passado. Esta estrutura que identifica a natureza da História é tecida de critérios específicos de pesquisa em torno do seu objeto, desde a recolha, seleção e interpretação de fontes para formar a evidência até às conclusões, sempre provisórias, sobre um passado em estudo. Por isso, saber História implica saber narrar (descrever e explicar) e argumentar sobre as situações humanas passadas, à luz da evidência disponível. Não é um «modo de experiência» fácil, será talvez o mais complexo (como considerou Oakeshott<sup>3</sup>). Mas é altamente instigador e frutífero, se considerarmos as suas potencialidades para dar resposta à incessante procura de orientação do ser humano no tempo, como Rüsen propõe nos seus debates em torno da formação da consciência histórica<sup>4</sup>.

---

1 CIED/U Minho.

2 CITCEM/FLUP.

3 OAKESHOTT, M. (1933) - *Experience and its modes*. Cambridge: Cambridge University Press.

4 RÜSEN, J. (2001) - *A razão da História*. Brasília: UniB. Ver também, RÜSEN, J. (2015) - *Humanismo intercultural: ideia e realidade*. In SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; FRONZA, M.; NECHI, L.P., orgs. - *Humanismo e Didática da História – Jörn Rüsen*. Curitiba: W. A. Editores.

Tendo como pano de fundo este aparato conceptual, a aprendizagem histórica de crianças e jovens torna o ensino mais exigente mas, eventualmente, também mais motivador quando professores e alunos se sentem parte ativa na história e na compreensão da História. Aqui convergem as propostas sobre o que significa saber História com as propostas construtivistas de aprendizagem situada. Dar voz às ideias dos sujeitos, construir em conjunto explicações possíveis (mas fundamentadas na evidência) sobre o passado, o presente e cenários futuros é o desiderato nesta linha de investigação como contributo para a Educação no nosso tempo. A realização anual das Jornadas Internacionais de Educação Histórica desde 2001 enquadra-se nesta preocupação central.

O percurso das *Jornadas* excedeu todas as expectativas iniciais. Nas I e II edições, realizadas no âmbito do 1º mestrado em Portugal nesta área específica, o objetivo principal era dar a conhecer uma linha inovadora e desafiante para quem gosta de ensinar (e aprender) História. Mestrandos e doutorandos nesta linha de pesquisa foram os coorganizadores entusiastas destes eventos. No âmbito da cognição histórica, foram apresentados alguns estudos de autores destacados no plano internacional (Reino Unido e Estados Unidos) bem como os resultados das primeiras investigações no país. Contudo, como sinal de que esses inícios ainda eram confinados a um público muito restrito, incluiu-se nas Jornadas uma segunda secção de palestras centrada em outros objetos de estudo - sobre Património ou sobre Museus. Numa perspetiva imediatista, este segundo conjunto de trabalhos continha uma maior capacidade de atração de públicos, mas poderia também fornecer contributos interessantes para a aprendizagem da evidência em História. A partir das III Jornadas, a educação histórica ganhou foros de autonomia. Nelas, além de se discutirem questões de epistemologia da História, apresentaram-se pela primeira vez experiências de aprendizagem em sala de aula, realizadas cooperativamente por mestrandos. A reflexão em torno da teoria da educação histórica foi-se assim enriquecendo com exemplos práticos de como se ligar à prática. E, a partir das V Jornadas, ocorreu um outro salto qualitativo promissor: o estabelecimento de laços sistemáticos de cooperação com um grupo de investigação e ação da Universidade Federal do Paraná, liderado pela Prof. Maria Auxiliadora Schmidt, que buscava igualmente um sentido mais objetivo e frutuoso para ensinar a pensar historicamente. Como consequência desta cooperação, a partir de 2006 as Jornadas realizam-se bianualmente no Brasil. Registe-se ainda que desde 2007 as Jornadas em Portugal têm contado com a participação de investigadores de vários países quer da Europa e da América (norte e sul) como da África lusófona, e que a organização das XIII Jornadas na Universidade de Barcelona marcou o estabelecimento de mais uma parceria internacional. Foi-se assim contribuindo para uma rota global de investigação em educação histórica, numa perspetiva de respeito por especificidades de interesses e enfoques – tal como a História e a vida humana as têm.

O ano de 2015 seria o momento de se realizar em Portugal a XV edição das Jornadas. Contudo, as severas restrições orçamentais impostas à Ciência e à Educação impediram a organização de um Congresso no país em moldes ambiciosos, e que fosse significativo como balanço dos sucessos, dificuldades e problemáticas da pesquisa em educação histórica. Por isso, acolheu-se com muito interesse a proposta de uma parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que oferecia excelentes condições para essa concretização. Assim, num esforço de engenharia organizativa e graças à cooperação entre investigadores da Universidade do Minho e da Universidade do Porto, manteve-se a realização em Portugal de um momento simbólico a assinalar o percurso de investigação e formação em educação histórica ao longo destes quinze anos. A parte mais alargada dos trabalhos do Congresso prosseguiu no Brasil, na UFMT, num evento memorável que contou com várias centenas de participantes.

No caso português, privilegiaram-se experiências e práticas implementadas no âmbito dos Mestrados em Ensino, embora ainda bi-disciplinares com a associação da História e da Geografia. Refira-se a propósito que, depois desta experiência, no ano lectivo de 2015-16 a formação profissional voltou a ser monodisciplinar. Estando portanto num momento de transição, entre os segundos anos do MEHG e o primeiro do MEH, foi possível também dialogar sobre as soluções curriculares encontradas por diferentes Universidades neste regresso à formação inicial apenas em História. Para esse diálogo, solicitaram-se participações de estudantes, orientadores cooperantes e docentes universitários que foram protagonistas neste processo.

Estudantes que partilharam experiências reflexivas sobre cinema – caso do Tiago Reigada – fotografia – com um excelente poster explicado ao vivo por Tiago Silva, ou com as novas tecnologias – exemplos que agora podemos ler e assimilar melhor de Erica Almeida e Glória Solé, ou da Sara Trindade, Ana Amélia Carvalho e Joaquim Ramos de Carvalho que nos trouxeram excelentes reflexões experienciadas e testadas na Universidade de Coimbra. A Paula Dias e o José Xavier Dias partilharam oralmente e agora em texto, casos que envolveram a utilização do património como recurso mas também como espaço privilegiado de reflexão, colocando a educação histórica ao serviço da inscrição no lugar, no contexto social e, sobretudo, na cidadania ativa. Um pouco na mesma linha mas agora situando-se numa faixa etária onde tudo começa a fazer sentido, a experiência do Gonçalo Marques permitiu-nos constatar que não há idade para as primeiras reflexões sobre o tempo e o espaço, para os legados e as heranças, para a reflexão e a perceção sobre o sítio onde estamos e a que pertencemos. A experiência vertida a texto pela Catarina Marinho e pela Glória Solé é um claro reflexo da articulação entre a formação bi-disciplinar em História e Geografia. A Isabel Afonso partilhou algumas das suas conclusões de uma tese de doutoramento que tinha defendido recentemente e cuja matéria obriga necessariamente, os professores a olharem de

uma forma mais consistente cientificamente para o Manual Escolar. Ainda na vertente docente, Mariana Lagarto e Isabel Barca apresentaram-nos com dados interessantes e consistentes sobre as suas ideias e práticas, fornecendo matéria de reflexão que todos devemos incorporar no quotidiano das nossas salas de aula.

Uma palavra ainda para os investigadores Lucas Pydd Nechi (Brasil), Jesus Dominguez (Espanha) e Peter Lee (Reino Unido), que connosco partilharam as suas reflexões numa perspetiva internacional. A resenha investigativa apresentada por Lucas Pydd Nechi, em representação de Maria Auxiliadora Schmidt, permitiu-nos aceder ao labor extraordinário do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da UFPR, divulgando teses, identificando temas, evidenciando a consistência de uma reflexão que, sendo quantitativamente significativa como foi visível na versão destas Jornadas no Brasil, é qualitativamente consistente e indiciadora de todas as potencialidades e caminhos que se abrem à Educação Histórica, de ambos os lados do Atlântico.

Esse espaço de reflexão está ganho. A simbólica sessão inicial das XV Jornadas em Portugal assim o demonstrou também, graças ao trabalho de todos os membros da Comissão Organizadora e seus colaboradores, a quem expressamos um agradecimento muito especial:

*Professora Doutora Glória Solé (Cied, UMinho)*

*Doutora Helena Pinto (UMinho)*

*Professora Doutora Cláudia Ribeiro (CITCEM, FLUP)*

*Doutora Marília Gago*

*Doutora Ana Catarina Simão*

*Doutora Isabel Afonso*

*Mestre Regina Parente*

*Doutoranda Angelina Aguiar*

As Atas em ebook do XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica (da parte realizada em Portugal) incluem as comunicações dos textos que foram apresentados pelos autores que participaram no evento (ver Programa).

Resta desejar que a continuidade das Jornadas permitam a actualização permanente que só o diálogo e a reflexão partilhada pode assegurar.